O Coração Delator

Sim, é verdade, tenho estado doente muito doente. Mas, por que você diz que eu enlouqueci, por que você fala que eu sou louco? Você não vê que eu tenho total controle da minha sanidade? Eu não estou sendo claro quando digo que não estou louco? Realmente, a doença fez minha cabeça, meus sentimentos e meus sentidos mais apurados, mais poderosos. Minha audição, especialmente, ficou mais poderosa. Eu pude ouvir sons que eu nunca tinha ouvido antes. Eu escuto sons do paraíso; e escuto sons do inferno!!

Escute! Escute, e eu vou te falar como aconteceu. Você vai ver, vai ouvir como minha mente está saudável.

É impossível dizer como a ideia surgiu na minha cabeça. Não havia razão para o que eu fiz. Eu não odiava o velho; eu até o amava. Ele nunca me machucou. Eu não queria seu dinheiro. Acho que era os seus olhos. Seus olhos pareciam os olhos de um abutre, os olhos de um pássaro terrível que asiste e espera um animal morrer, então voa até o corpo e o transforma em pedacinhos para comê-lo. Quando o velho me olhou com aqueles olhos de abutre um arrepio percorreu minhas costas; até o meu sangue esfriou. Então, eu finalmente decidi matar o velho e fechar aqueles olhos de uma vez por todas!

Então, você acha que eu sou maluco? Um louco não pode planejar. Mas você tinha que ter me visto. Durante toda aquela semana eu fui o mais amigável, caloroso e amoroso possível com o velho.

Toda noite por volta das vinte horas eu lentamente abria sua porta. E quando a porta estava escancarada eu colocava minha mão para dentro e depois espiava. Na minha mão eu segurava uma lanterna coberta por um pano para a luz não chamar atenção. E eu ficava em pé ali, calado. Então, cuidadosamente, eu levantava o pano só um pouco para que um único feixe de luz iluminasse aqueles olhos. Fiz isso por sete noites, sete longas noites, toda noite até a meia noite. Os olhos

estavam sempre fechados, então era impossível fazer o trabalho. Eu não sentia que o velho era quem eu deveria matar; eram os olhos, seus olhos malignos.

E toda manhã eu ia para seu quarto e com uma voz calorosa e amigável eu perguntava como tinha sido sua noite de sono. Ele não podia imaginar que toda noite as vinte horas eu assistia ele dormir.

Na oitava noite eu estava ainda mais cuidadoso enquanto abria a porta. Os ponteiros do relógio moviam mais rápido que minhas mãos. Eu nunca tinha sentido o meu poder tão forte; eu tinha certeza de que iria vencer.

O velho estava deitado ali, nem sonhando que eu estava em sua porta. De repente ele se mexeu na cama. Você pode até pensar que eu fiquei com medo. Mas não. A escuridão em seu quarto era densa. Eu sabia que ele não podia ver a porta sendo aberta. Eu continuei empurrando a porta, devagar e suavemente. Coloquei minha cabeça para dentro. Coloquei minha mão com a lanterna coberta para dentro. De repente o velho se sentou na cama e disse em voz alta: "Quem está ai?!"

Fiquei em pé calado. Por uma hora eu me mantive imóvel. Eu não o ouvi deitar-se na cama de novo. Ele apenas permaneceu sentado lá, escutando. Então eu ouvi um som, um suspiro baixo de medo que escapou dos lábios do velho. Agora eu sabia que ele estava sentado em sua cama, cheio de medo; eu sabia que minha presença já não era uma novidade para ele. Ele não me viu. Ele não podia me ouvir. Ele me sentiu ali. Agora ele sabia que a morte estava ali.

Devagarzinho, eu levantei o pano, pouco a pouco, até um freche de luz escapar e incidir sobre - naqueles olhos de abutre! Estavam abertos - bem, bem abertos e minha raiva aumentava na medida que eles olhavam diretamente para mim. Eu não pude ver o rosto do velho. Apenas aqueles olhos, aqueles profundos olhos azuis, e o sangue em minhas veias congelou.

Eu te contei que minha audição ficou estranhamente forte, não contei? Agora eu podia ouvir um rápido, baixo e suave som, como o tique-taque de um relógio através de uma parede. Era o coração do velho batendo. Eu tentei me manter quieto. Mas o som ia aumentando. Acho que o velho estava morrendo de medo. E quanto mais o som ia aumentando minha raiva ficava maior e mais dolorosa. Mas era mais do que raiva. Na noite quieta, no escuro silencioso do quarto minha raiva se transformou em medo - medo da batida alta do coração que eu tinha certeza de que era impossível mais alguém não ouvir. A hora tinha

chegado. Eu atravessei o quarto apressado gritando "Morra! Morra! O velho deu um grito alto de medo à medida que eu ia para cima dele segurando os lençóis sobre sua cabeça de forma cada vez mais firme. Seu coração continuava batendo, mas eu sorria enquanto eu sentia que o sucesso estava próximo. Aquele coração continuo batendo por muitos minutos; mas no final a batida parou. O velho estava morto. Eu tirei os lençóis de cima dele e coloquei minha orelha em seu peito. Não tinha mais som. Sim. Ele estava morto! Morto como uma pedra. Seus olhos não me incomodariam mais.

Então você diz que sou louco? Você deveria ter visto como cuidadosamente eu escondi o corpo em um lugar onde ele não seria encontrado. Primeiro eu cortei sua cabeça, então os braços e as pernas. Eu fui cuidadoso para não deixar que nem uma única gota de sangue caísse no chão. Eu arranquei três das tábuas que compunham o assoalho, e pus as partes do corpo ali. Então, encaixei as tabuas no lugar novamente, tão cuidadosamente que não era possível ver a diferença a olho nu.

Quando eu terminei o trabalho eu ouvi alguém na porta. Era quatro da manhã, mas ainda estava escuro. Eu não tinha medo, porém, quando desci para abrir a porta três homens estavam lá, três oficiais da polícia. Um dos vizinhos ouviu o velho gritar e chamou a polícia; esses três vieram fazer perguntas e fazer uma busca na casa.

Eu disse para os policiais entrarem. Eu disse que o grito era meu, que acordei de um sonho. Disse que o velho estava fora; estava visitando um amigo no interior. Mostrei a casa toda a eles, falando para fazer a busca em toda a propriedade, que procurassem bem. Eu finalmente os deixei entrar no quarto do velho. Como se eu estivesse brincando com eles, eu pedi para que se sentassem e conversassem por um tempo

Minha cooperação e meu jeito calmo fizeram com que os policiais acreditassem em mim. Então eles sentaram e conversaram comigo como se fossemos amigos. Mas, apesar de responder da mesma maneira amigável que eles, eu estava rezando para que eles fossem embora logo. Minhas cabeça doía e havia um som estranho em meus ouvidos. Eu falava mais e mais rápido. O som ficou mais nítido. E eu continuei sentado conversando.

De uma hora para outra eu soube que o som não estava nos meus ouvidos, não estava apenas na minha cabeça. No momento eu devo ter ficado pálido. Eu continuava a falar rápido e mais alto. E o som também

ficou mais auto. Era rápido, baixo e suave, como o tique-taque de um relógio através de uma parede. Estava ficando mais e mais auto. Por que os homens não vão embora? Alto, mais alto. Eu levantei e comecei a andar inquieto pelo quarto. Eu puxei minha cadeira sobre o chão para fazer mais barulho e abafar aquele som horrível. Eu falava ainda mais alto. E os homens continuavam sentados, conversando e sorrindo. Era impossível eles não estarem ouvindo.

Não. Eles estavam ouvindo! Eu tinha certeza. Eles sabiam! Agora eram eles que estavam brincando comigo. Eu sofria mais do que podia suportar, com seus sorrisos e aquele som Mais, mais e mais alto. Chegou um momento que eu não aguentava mais. Apontei para as tabuas e gritei, “Sim! Sim! Eu o matei. Arranquem as tabuas do piso e vocês vão ver! Eu o matei. Mas por que o coração dele não para de bater?! Por que simplesmente não para!?”